

Pesquisa mapeia espécies de aves

A existência e variedade de aves em ruas, praças e parques pode indicar as áreas urbanas ambientalmente equilibradas. A qualificação varia pela quantidade de espécies que conseguem sobreviver no local, segundo uma pesquisa desenvolvida na Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz). A diversidade da avifauna da cidade é ferramenta de estudo para o biólogo Eduardo Roberto Alexandrino, que analisa 90 pontos e 109 espécies desde 2007.

Com aplicação do Sistema de Informação Geográfica (SIG), conjunto de softwares voltados ao mapeamento via GPS, Alexandrino conseguiu mais detalhes para ampliar sua pesquisa. "Utilizamos o mapa da cidade para estudar o centro e os bairros mais afastados. Com a localização da latitude e longitude, quantifiquei o número de árvores, áreas arborizadas, asfalto e prédios. A partir daí, fui a campo para identificar o número de

pássaros e quantidade de espécies presentes nos locais e correlacionei com as informações obtidas por computador", afirma.

Os resultados obtidos mostram a qualidade do ambiente por meio da sobrevivência de espécies mais sensíveis. "Nas áreas com maior porcentagem de árvores e menos urbanização, a riqueza de espécies é bem maior", explica o pesquisador.

Em bairros mais arborizados como o Nova Piracicaba, por exemplo, foram encontradas espécies como choca listrada, tangará, vi-vi, alma de gato, arapaçu-pardo, pica-pau, entre outras que não resistem nos ambientes mais poluídos e urbanizados. Já no centro da cidade, aves exóticas como pombos, pardais e rolinhas sobrevivem com facilidade, mesmo com arborização escassa. "E-

las são favorecidas por áreas abertas e não precisam das árvores para sobreviver. A proliferação acontece também por causa da alimentação fácil e o acesso aos lixos, o que atrai outras aves incomuns na cidade, como o falção peregrino", explica Alexandrino.

Bairros arborizados têm mais espécies de aves

Sem uma porcentagem correta em suas análises, ele aponta um número alto de aves nas áreas centrais, mas uma pequena quantidade de espécies. Nos bairros mais afastados, o número é invertido. Formado em biologia na Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), Alexandrino se prepara para defender sua dissertação o tema Metodologias de Amostragem de Avifauna num Ambiente Urbano, que deverá ser apresentada para a banca em janeiro de 2010. Para ele, o

resultado poderá auxiliar a administração da cidade no planejamento de ocupação e uso do solo urbano, além de viabilizar um desenvolvimento de áreas arborizadas.

O estudo terá alguns resultados parciais apresentados na próxima semana, nos dias 28 e 29 de setembro, das 8h às 18h, dentro da programação do 1º Workshop Sobre Utilização de SIG na Análise Ambiental, no armazém 14C do Engenho Central. Organizado pela Oscip (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) Instituto Mente em Foco (IAF), o evento terá momentos de intercâmbio entre palestrantes e o público-alvo, formado por docentes de instituições de ensino superior, instituições públicas e privadas, terceiro setor, estudantes de graduação e pós-graduação de áreas relacionadas, entre outros profissionais.

Para Igor Toselli, sócio integrante do IAF, o SIG não é somente um programa de computador, mas todo o entendimento



Alexandrino usa vários softwares para o mapeamento das espécies

sobre os procedimentos, processos, fluxos, bases de dados, tecnologia, metodologia, cultura e conhecimento técnico que viabiliza a gestão de informações. "O evento visa a trazer mais perto dos participantes a aplicação de SIGs nas soluções ambientais. Ele é fundamental pois apresenta imagens aéreas e a localização de sua pesquisa, onde se pode fa-

zer as delimitações das áreas de estudo", disse.

Hoje em dia os SIGs são utilizados para todo e qualquer projeto ambiental que precise do mapeamento de uma certa área ou comunidade. O sistema permite a identificação rápida e o fácil acesso ao planeta, mais um ponto da tecnologia em favor de sua preservação.